

CARTA A UM AMIGO DE JORNADA OU COMO SE DEVE CONTAR A HISTÓRIA DE UMA PESSOA: UMA HOMENAGEM A HIDERALDO LIMA DA COSTA



Patrícia Alves-Melo¹

Haveria que ter um jeito de contar da vida de alguém que não fosse do começo. Aquele que todo mundo conhece. Fulano que nasceu no dia tal, do ano x, na cidade de lugar qualquer. Esse é um jeito seguro, mas o que diz da vida de quem queremos contar? O quanto lugares de nascimento definem as escolhas que pessoas fazem e que tornam a vida sua. Há uns outros que preferem contar do dia do funeral. Acho eu que não é um bom jeito de conquistar um leitor. Afinal muitos temem a Morte como se ela não fosse algo tão corriqueiro. Não quero esse começo. Nem o dia da chegada e, tampouco, o da partida. Mas afinal, o que se pode contar da vida de um homem? Eu estou cá lembrando de um velho poema de Walt Whitman e tentando me resolver aqui por onde vou começar a falar do meu amigo Hideraldo Costa.

Na verdade, eu não queria estar escrevendo isso. De jeito nenhum. E não é apenas porque não sei por onde começar. Isso é desimportante. O importante, meu caro, é a motivação desse texto. Estou escrevendo como um exercício de lembrança e de homenagem. Simplesmente, amigo, porque tua partida foi antecipada. A gente ainda não entende por que tão cedo. Sim. Queríamos ter mais tempo para festas incríveis ao som da melhor seleção de bregas desta Manaus, conversas infundáveis temperadas com mil histórias de tempos idos, dedos “em riste” em assembleias no sindicato, a verve do grande argumentador, o amigo sereno, atento e sensível que era capaz de captar, de longe, que havia algo de

¹ Patrícia Alves-Melo é professora titular da UFAM e amiga do Hideraldo toda sua vida.



errado e perguntava baixinho: “Tudo bem contigo, amiga?” E aí, tinha pronta a escuta generosa e o afeto acolhedor que só grandes amigos sabem compartilhar.

Tenho cerca de 40 anos de lembranças, amigo. Nem sei qual fio puxar. Vamos lá. O moço franzino que entrou na nossa sala de aula lá em 1982 quando nossos “veteranos” vieram nos dar as boas-vindas à nossa Universidade do Amazonas. Éramos a segunda turma de ingressantes do recém-criado curso de licenciatura plena em História. A calourada estava naquela sala imensa do velho ICHL, lá no prédio do Seminário São José na R. Emílio Moreira. Anos finais da ditadura civil-militar. Ainda havia espias nas nossas salas de aula e as assembleias dos nossos professores ainda eram monitoradas pela PF. Nós vimos professores sendo presos naqueles anos. Os movimentos sociais em franca ascensão e nós, jovens, de olhos arregalados e o cérebro em ebulição tentando entender todas aquelas palavras de ordem.

Nossos veteranos da História (Geraldo, Jorge, Guedes e Olivia) apareciam falando do curso, da grade curricular e da importância da criação do Centro Acadêmico. Tinha aquele moço Hideraldo sempre por perto. Até que descobri que ele fazia disciplinas na História, mas era da Filosofia. Já era militante do movimento estudantil àquela altura e essa experiência estava nítida nas suas intervenções. Em 1984, quando mudamos para o novo ICHL no Campus Universitário, no meio do nada (nem lanchonete existia ali, nem tampouco ônibus), ele já se apresentava como “ex-presidente do CAFCA”, com um acento dramático na voz, quando fazíamos assembleias do curso de História. Ou, quando achava necessário, no meio de suas intervenções nas aulas de Medieval. Ele já era nosso colega da História. Tudo isso para lembrar que Hideraldo era estudante ativo, dedicado e muito comprometido com a construção do curso de História, tanto no sentido acadêmico quanto institucional. Vocês, do presente, não podem avaliar que tudo entre nós, naquele tempo, precisava ser constituído. Era preciso reconhecer o curso, era preciso contratar novos professores, era preciso lutar pelas nossas salas de aula, era preciso criar o Departamento de História. Afinal, nosso bem-amado curso existia, junto com outros, no Departamento de Ciências Sociais e existiam muitas condições para que ganhasse sua autonomia: uma delas era um determinado número de professores para atender a legislação. Tudo isso precisava ser demandado politicamente. Nós, a “turma do ônibus”, como fomos



apelidados pelo Reitor Roberto Vieira, uma brincadeira com nosso número reduzido, ocupávamos a reitoria com nossas reivindicações. Nós fazíamos nossa parte como estudantes. Lutávamos ao lado de nossos professores. Inicialmente, Aloysio Nogueira, Ana Amélia Vieira, Ednéa Dias e Eloína Santos. Depois, Ribamar Bessa, Regina Celestino, Ricardo Bessa e Márcia Brandão. Hideraldo estava em todas!

A formatura da primeira turma permitiu que outro concurso fosse feito para reforçar o quadro do nosso Departamento recém-criado com muito esforço. As paredes do velho/novo ICHL podiam compartilhar suas memórias do quanto nos custou aquela votação no Conselho Departamental presidido pelo Prof. Lauro Thomé com a veemente defesa do nosso Aloysio Nogueira que integrava o CD. Foi assim que o quadro de professores ganhou Geraldo Sá Peixoto e Francisco Jorge dos Santos, nossos primeiros egressos.

Não foram anos fáceis porque, como já contei, eram os anos finais da Ditadura. Estávamos em muitas frentes de luta. Dentro e fora da Universidade. Os enfrentamentos pela redemocratização do país eram parte inseparável da nossa vida de estudantes de História. Afinal, como dizia nosso mestre Lucien Fèbvre, “não se separa a vida do homem da vida do historiador”. Era preciso garantir a boa formação em sala de aula todos os dias e isso significava ler os textos, chegar no horário para as aulas que começavam às 7 da manhã no Campus. Quem pertenceu a essa geração, lembra bem dos escritos no quadro a giz: “7:00 h: um professor, 2 alunos; 7h e10m: 1 professor e 4 alunos” e seguia assim até a aula começar. Hideraldo estava. Eu também.

Isso era importante, mas nunca suficiente. A vida demandava muito mais como eu disse. A militância se desdobrava em inúmeras frentes. Tinha o movimento estudantil, as demandas aos poderes públicos relacionados à nossa prática como professores e isso dizia respeito a demandar à SEDUC, SEMED, mas também fortalecer nossa associação de professores, APPAM, presidida pelo nosso Aloysio Nogueira. Assembleias gigantes no Olimpico Clube, greves duramente reprimidas pela violência policial do governo Mestrinho. Hideraldo estava.

Tinha muito mais. Tinha a vida nos Educandos com suas diferentes dimensões de militância. Hideraldo fazia tanta coisa que a gente nem sabia como ele dava conta. Os textos estavam sempre lidos e não passava uma aula que ele



não fizesse intervenções qualificadas. Estava em todas as assembleias e reuniões do curso. Em todas as mobilizações. E a gente ainda se encontrava nas passeatas pelas Diretas Já, nas reuniões do Sindicato dos Metalúrgicos para fundação do Partido dos Trabalhadores, nas manifestações estudantis contra o “reitor do over”. Estava no comício do Lula na Praça da Saudade. Eu sei; foi ele que me incentivou a pedir um autógrafo (“Vai lá, menina”!) e até me deu caneta.

Tantas histórias de viagens a trabalho pelos municípios do Amazonas, mas a primeira não esqueci. Descobrimos, à beira do lago de Coari, que Hideraldo não sabia nadar e ficava muito preocupado quando eu e Luiza Ugarte íamos longe nadando nas águas escuras. Não é possível deixar de contar como ele gostava de dançar. E muito.

Nós nos tornamos professores da UFAM com alguns anos de diferença, mas nosso espírito de trabalho coletivo se manteve inalterado por décadas. Foi assim que consolidamos o curso de História, que criamos as turmas de Especialização, o Mestrado e, depois, o Doutorado. Foi um esforço grande qualificar a todos como mestres e doutores. Nossa geração entrou só com o curso de graduação e nos qualificamos em serviço. Isso quer dizer que, quando um grupo saía para fazer mestrado e doutorado, outro grupo tinha que ficar para “garantir a retaguarda”, ou seja, manter o curso funcionando.

Alcançar os títulos não era um mero anseio pessoal ou um exercício pedante como alguns podem dizer; era parte de um compromisso coletivo. O esforço comum deveria ser respeitado. Quem saía, sabia que tinha que voltar mestre/a ou doutor/a. Se não voltava nessas condições, isso tinha repercussão severa na vida do curso. Esse era compromisso para ser honrado. Hideraldo fez parte desse processo e abriu uma frente de pesquisa em História Social da Saúde que deixou marcas. Mas antes disso, ele fez reposicionar o lugar dos relatos dos viajantes na nossa historiografia. Se a Amazônia era o “paraíso dos naturalistas”, foi a dissertação dele que nos possibilitou retomar – do ponto de vista teórico e metodológico – tais relatos e seus usos historiográficos.

Estou falando apenas de seus trabalhos de mestrado e doutorado. Sua produção foi muito além disso, mas, qualquer busca nas plataformas de registro vai, sem nenhum esforço maior, localizar vários artigos em periódicos de impacto e de grande circulação, além de outros na forma de capítulos em coletâneas. Entre



tantos, gostaria de destacar a importância da participação de Hideraldo, como historiador, na Comissão da Verdade no Amazonas e também sua imensa dedicação, nos últimos anos, à questão do Ensino de História. Deveria, por fim, falar do companheiro de profissão que nunca parou de trabalhar e se foi ainda no exercício da docência. A aposentadoria não tardava, mas não chegou.

Poderia falar do afetuoso professor e orientador, mas isso deixo para seus alunos e alunas. São dezenas e dezenas de trabalhos. Só vou mencionar a sala entupida de livros e textos para serem distribuídos entre quantos precisassem de indicações e muito (mas muito) bagunçada. Quando eu falava, ele sempre respondia que “ia tirar um tempo para arrumar porque já não achava mais nada”. Lembro da sua proverbial dificuldade com a tecnologia. Um dia, quando ele me viu usando um pen-drive, ficou indignado porque, como disse, “havia acabado de aprender a usar o disquete 3,5”. Ele preferia o trabalho “por debaixo da porta da sala” para garantir. Trabalho anexado no e-mail não funcionava bem com ele. A gente ria muito disso. Ele ria mais ainda porque era o primeiro a contar as histórias de sua notável inabilidade tecnológica.

Que dizer da Deusa, da Ana Cristina e do Guilherme, maiores amores da vida do Hideraldo? Que nos tornamos parentes por extensão? Que torcíamos a cada passo da vida deles? Ana no Militar, a chegada do Gui, os resultados do vestibular, as angústias do pai amoroso (e “cioso”) quando o primeiro namorado apareceu? E o vovô? As fotos no celular e as emocionadas histórias da sua Flor. Sem contar o tempo que convivemos com sua mãe, D. Amazonina. A casa do Hideraldo também era um pouco nossa. Em todos os lugares dessa cidade. Sempre um espaço de alegria e de acolhimento. Cleide Lemos estará sempre comigo, parceiro.

Esse é um texto que não deveria existir. Não sabia como começar e também não sei terminar. Não há de terminar nunca porque sempre teremos mil histórias para contar. Sinto que deixei de falar de coisas muito importantes. Faltou falar de suas inúmeras experiências administrativas, eu sei. Mas, isso está no Lattes. Há outras que não estão. Sua alegria genuína quando inauguramos nossa sala maravilhosa do POLIS era igual àquela com que ele abria os trabalhos das nossas épicas Semanas de História. A lealdade, a generosidade, sua postura ética, seu caráter e o incomensurável amor pelo nosso curso de História, pela nossa



profissão e pelo esforço de manter os compromissos sociais de Historiador com a luta contra a injustiça e toda forma de desigualdade. Há uma frase (que minha memória atribui a Gabriel García Márquez) que diz que “a vida não é o que se viveu, mas sim o que se lembra e como se lembra de contar isso”. Hoje, amigo, estou contando nossas histórias e alguns dos caminhos que compartilhamos. Foi uma honra imensa te ter como companheiro de jornada. Não vou deixar esquecer o que nos fez chegar até aqui. A gente se vê.

